

PARA ALÉM DAS ELEIÇÕES*

Belmira Magalhães**

Sérgio Lessa***

Ivo Tonet****

Antes de mais nada, gostaríamos de esclarecer que a finalidade desse texto não é tomar posição no interior do atual processo eleitoral, mas contribuir para colocar a questão numa perspectiva mais ampla.

Mais do que em qualquer outro período da história, a humanidade vive, hoje, um dilema extremamente grave. Há uma crise estrutural profunda na lógica interna de reprodução do capital, que está levando à produção, cada vez mais intensamente, de desemprego, precarização do trabalho, miséria, fome, violência, problemas de saúde, consumo de drogas, guerras, concentração brutal de riqueza em poucas mãos, desigualdades sociais extraordinárias, mercantilização e degradação de todos os aspectos da vida humana, devastação da natureza e inúmeros outros.

De modo que o dilema, para a humanidade, se torna muito claro: ou a superação do capital em direção ao efetivo socialismo, ou a intensificação da barbárie do capital. A busca de uma terceira via, que significaria a “humanização” do capital”, com a correção de defeitos de administração, cada vez mais demonstra a sua ineficiência.

Por força desta lógica do real, só existem estas duas alternativas: ou a continuidade, cada vez mais degenerada, da reprodução da sociabilidade do capital, com o risco de destruição da própria humanidade; ou a erradicação total dele em direção a uma forma superior de sociabilidade que se chama socialismo. Que, diga-se logo, nada tem a ver com o chamado “socialismo real”.

No entanto, afirmar com toda ênfase que o socialismo é a única saída para a construção de uma forma de sociabilidade efetivamente humana não significa dizer que o socialismo está, hoje, na ordem do dia. Significa apenas deixar claro que ele é o objetivo maior que deve ser perseguido. Que, não importa quais sejam os obstáculos, as dificuldades, os percalços, ele deve ser perseguido incansavelmente por todos aqueles que pretendem contribuir para resolver os problemas que a humanidade enfrenta hoje. Significa afirmar, com a mais firme convicção, que não existe outra alternativa nesse sentido.

* Agradecemos a todos os que, com suas sugestões e críticas, colaboraram na feitura desse texto.

** Professora do Dep. de Ciências Sociais/UFAL.

*** Professor do Dep. de Filosofia/UFAL.

**** Professor do Dep. de Filosofia/UFAL.

Contudo, essa afirmação deve ir de par com o esclarecimento acerca da natureza do socialismo. Dadas as tremendas deformações, teóricas e práticas, que este ideário sofreu ao longo das tentativas de sua efetivação, é preciso repor as questões essenciais. Não tendo como base uma idealização qualquer, nem o que de fato aconteceu, mas a análise do processo social como totalidade, pode-se afirmar que socialismo é, *essencialmente*, uma forma de sociabilidade que, por estar fundada no trabalho associado¹, permite aos homens terem o controle, consciente e coletivo, do processo de produção e, conseqüentemente, o mesmo controle sobre o conjunto do processo social. Isto não criaria nenhum “paraíso terrestre”. Apenas abriria a possibilidade de que *todos* tivessem acesso à riqueza produzida e, portanto, pudessem ter uma vida efetivamente digna, usufruindo de todas as conquistas da humanidade.

A clara afirmação e sustentação deste objetivo último é da maior importância. Porque, de um lado, enfatizará a mais absoluta recusa da ordem social fundada no capital e, de outro, servirá de orientação para todas as lutas sociais. Com efeito, é preciso saber, com precisão, ainda que possa ser apenas no nível de parâmetros gerais e essenciais, qual o objetivo último a ser atingido. Rebaixar e diluir este horizonte em nada contribui para orientar as lutas sociais em direção ao socialismo.

No entanto, esta perspectiva revolucionária, que esteve na origem do marxismo, sofreu, ao longo destes últimos cento e cinquenta anos, inúmeras derrotas e deformações, tanto teóricas, como práticas. De um lado, se viu, devido a circunstâncias históricas, impossibilitada de sair vitoriosa a partir da revolução soviética de 1917 e se transformou em inúmeras ditaduras. De outro, foi assumindo uma conotação cada vez mais reformista, até perder inteiramente de vista o objetivo de superação do capital.

A trajetória da esquerda européia é particularmente significativa neste sentido. A social-democracia alemã original, que, embora vagamente, ainda falava em socialismo, foi substituída pela posterior social-democracia do Estado de Bem-Estar Social, que implicava precisamente o abandono, por parte dos trabalhadores, da idéia de erradicação do capital. Os restantes partidos comunistas europeus, à frente o Partido Comunista Italiano, buscaram encontrar uma “via democrática” para o socialismo, primeiro através do eurocomunismo e, depois, através de uma vago “socialismo democrático”, até perderem completamente a sua identidade. Outros partidos, denominados socialistas, diluíram de tal modo este ideário socialista que ele acabou por não significar mais nada além da busca por reformas no interior da ordem do capital. Nesse percurso, perdeu-se o caráter radicalmente crítico e revolucionário do marxismo e

¹ Por trabalho associado entenda-se o fato de que todos os produtores colocam em comum as suas forças individuais e estas permanecem comuns até o fim do processo produtivo. Deste modo, e não havendo mais quem se aproprie do trabalho dos outros, os homens poderão controlar, de modo livre, consciente e coletivo, todo o processo de produção e de distribuição da riqueza.

o ideário socialista se tornou apenas uma idéia vazia. Vale a pena lembrar, neste contexto, o que Marx já dizia nas *Glosas críticas*. Referindo-se às tentativas de eliminação do pauperismo pelos Estados inglês, francês e alemão, diz ele: *Onde há partidos políticos, cada um encontra o fundamento de qualquer mal no fato de que não ele, mas o seu partido adversário, acha-se ao leme do Estado. Até os políticos radicais e revolucionários já não procuram o fundamento do mal na essência do Estado, mas numa determinada forma de Estado, no lugar do qual eles querem colocar uma outra forma de Estado*².

De fato, onde esses “socialistas” assumiram o poder de Estado, transformaram-se, dadas as suas ligações políticas e ideológicas com as classes subalternas, no melhor instrumento para a realização dos interesses do capital. A limitada resistência oposta pelos governos “socialistas” aos avanços do capital diz respeito apenas à forma e não ao conteúdo essencial desses interesses. A chamada globalização capitalista, que nada mais é do que a forma de o capital enfrentar a sua aguda crise estrutural, continua avançando inexoravelmente. Diante disto, nem sequer as conquistas expressas pela revolução burguesa clássica e outras conquistas do chamado Estado de Bem-Estar Social podem ser mantidas. Daí a crescente erosão dos direitos e liberdades sociais. A consequência disto é que as massas, desiludidas, voltam-se para a direita e até para a extrema-direita.

A conclusão que se pode retirar de toda esta trajetória da esquerda é que não existe mais, hoje, esquerda organizada efetivamente revolucionária. Grande parte dela tem como pressuposto que é possível humanizar o capital, impondo-lhe limites e direcionamentos através do Estado. Deste modo, se atingiria um equilíbrio entre desenvolvimento econômico e preocupações sociais e se alcançaria um “desenvolvimento sustentável”. Outra parte dela pensa que as reformas, sempre nos marcos da ordem burguesa, seriam o caminho para a realização de profundas transformações na sociedade.

Considerando a lógica mais profunda do próprio capital, a primeira posição é insustentável, e é isto que os fatos estão evidenciando diariamente. Quanto à segunda, esta “esquerda” ilude-se pensando poder enfrentar o capital com meias medidas; com demonstrações de boa vontade; de bom comportamento, de respeito às regras impostas pelo próprio capital. Porém, o mais preocupante é que ela abandona a fonte do seu poder, que são as lutas extraparlamentares, os grandes movimentos de massa, para concentrar todo o foco da luta social no parlamento. Esta “esquerda” deslocou o eixo da luta da centralidade do trabalho para a centralidade da política. Ora, fazer isto é exatamente fazer o jogo do capital. Ele tem

² Marx, K. *Glosas críticas ao artigo O Rei da Prússia e a reforma social*. De um prussiano. In: *Práxis*, n. 95, 1995.

extremamente claro que sua fonte de poder está fora do parlamento. Por isso mesmo, nunca perde o poder nem fora nem dentro do parlamento.

Ressalvadas as diferenças, a trajetória da esquerda no Brasil tem grandes semelhanças com a trajetória da esquerda européia. Há nela uma constante oscilação entre o esquerdismo e o reformismo. O primeiro se manifesta em propostas e ações que, desconhecendo a lógica mais profunda da entificação da sociedade brasileira e as mediações que podem levar ao objetivo revolucionário, têm um caráter apenas discursivamente radical. O segundo se expressa especialmente na trajetória do Partido dos Trabalhadores. De uma impostação inicial com caráter acentuadamente anticapitalista, ele foi, passo a passo, abandonando qualquer veleidade revolucionária. Hoje, o Partido dos Trabalhadores é, reconhecidamente, um partido da ordem. Por mais que se declare de oposição, ele já não tem como objetivo, nem sequer a longo prazo, uma ruptura radical com o capital. Pretende, apenas, “fazer reformas”, estabelecer “outras políticas econômicas”, construir uma sociedade mais justa, mais livre, mais igualitária. Não se trata, pois, de um partido de oposição ao capital e ao Estado (o que seria o papel de um partido revolucionário), mas de um partido de oposição à forma atual do capital e do Estado. Exemplo recente deste lugar da esquerda no Brasil pode ser detectado na fala do economista Guido Mantega, um dos baluartes das propostas atuais do PT para as eleições. Referindo-se à não-qualificação intelectual de Lula como economista, diz ele: *Não, porque a saída para o país é política. O presidente pode ser um gênio da economia, mas se ele não for respaldado pela sociedade, nada funciona. O Brasil precisa de um líder político, um estadista, para fazer um pacto social em torno de um projeto.*³

A muitos parecerá que um tal governo de “esquerda”, mesmo que não possa fazer grande coisa, significará, pelo menos, uma abertura de espaços mais favoráveis para as lutas populares. É nisto que reside o grande apelo para votar neste partido, apesar de suas ações, teóricas e práticas, sinalizarem, cada vez mais intensamente, na direção de uma submissão às políticas essenciais do imperialismo. Mais do que em bases reais, este voto se fundamenta em créditos passados, no discurso de pretensa oposição, na falta de outras alternativas imediatas, na esperança, no desejo de que se abram perspectivas mais promissoras.

Será verdadeira a afirmação que abre o parágrafo anterior? Quanto a aspectos parciais e localizados, pode até ser⁴. Mas também pode ocorrer um prolongamento da ausência de melhorias, com a solicitação do governo de um prazo para colocar “a casa em ordem”, que significará, necessariamente, desmobilização dos movimentos sociais, já bastante fragilizados.

³ Entrevista publicada na revista Isto É, de 14 de agosto de 2002.

⁴ Algumas categorias de empregados podem receber aumentos, outras podem conseguir vantagens pontuais, como manutenção do emprego por determinado tempo em troca de vantagens para a indústria, etc.

No entanto, está ausente exatamente aquele elemento que poderia proporcionar algum fundamento a esta esperança. Ou seja, a força das massas, um forte movimento popular que forçasse um tal governo a tomar atitudes mais favoráveis aos interesses das classes subalternas. Ora, tal movimento não existe, até como resultado da própria orientação reformista e politicista que a “esquerda” tem imprimido a este movimento. Ter-se-á, então, o pior dos mundos: um governo que prometeu realizar reformas capazes de melhorar significativamente a vida da população mais sofrida – que é a imensa maioria –, mas que não pode realizar o que prometeu porque não tem forças para enfrentar as tremendas pressões exercidas pelo capital, tanto nacional quanto internacional. Não tem forças exatamente porque sua orientação teórica e prática contribuiu para impedir que estas forças se desenvolvessem. É este precisamente o resultado de seu ideário reformista e politicista. Ao fim e ao cabo, restarão apenas duas alternativas, nenhuma delas do interesse das classes populares. Ou ser apeado do poder por algum tipo de golpe de Estado (lembramos os acontecimentos na Venezuela)⁵, ou ver as massas desiludidas apoiarem os partidos de direita nas próximas eleições.

Não esqueçamos que a lógica fundamental do capital em crise aguda continuará em andamento. E com todo seu poder de pressão. Não será, pois, de espantar, se um tal governo de “esquerda” se transformar no instrumento mais apropriado para a continuidade dos interesses do capital. Lembre-se do que aconteceu na Espanha de Gonzalez, na Inglaterra de Toni Blair, na França de Mitterand e Jospin, na Alemanha de Schröder e na Itália de D’Alema. Isso é explicitado na entrevista de um dos mais importantes intelectuais do Partido dos Trabalhadores, quando sintetiza seu pensamento afirmando, na entrevista acima citada, que: *A questão ideológica está em segundo plano. A primeira coisa que eu falo no exterior é que nós somos um partido de esquerda. Isso não assusta, porque eles se acostumaram com a esquerda européia, que humanizou e dinamizou o capitalismo. A esquerda tem uma estratégia mais eficiente para fortalecer o capitalismo do que a direita.*

Aqui, mais do que na Europa, a situação é adversa. O enfrentamento dos gravíssimos problemas nacionais e, portanto, a melhoria significativa das condições de vida da população, implicariam a realização da revolução burguesa, ou seja, o estabelecimento do capitalismo em sua plenitude. Ora, esta não é possível porque a própria burguesia, dada sua estreita e subordinada associação com a burguesia internacional, não tem o menor interesse em realizá-la. De modo que a resolução daqueles problemas passa exatamente por uma revolução de caráter socialista. Coisa que, evidentemente, não está no horizonte imediato. Mas que, mesmo assim, não pode, de modo nenhum, deixar de figurar no horizonte mediato. Em tal situação, um governo de “esquerda”, sem a alavanca de um forte movimento popular, chegará, inevitavelmente, ao

⁵ Houve uma tentativa de deposição do governo pelas forças conservadoras. E outras tentativas estão em curso.

beco-sem-saída acima mencionado. Mesmo no caso de um governo que tivesse ao seu lado este forte movimento de massas, ainda assim não seria nada fácil encontrar as mediações que permitissem caminhar no sentido de uma revolução socialista. Sem isto, então, as possibilidades são nulas.

De tudo o que foi dito, parece brotar uma conclusão lógica. Não é este caminho, trilhado pela “esquerda”, a mediação para dar passos no sentido da construção de uma sociedade justa, livre e igualitária. Não faz sentido assumir o poder a qualquer custo, especialmente ao custo de concessões ao imperialismo em questões fundamentais. Assumir o poder nestas circunstâncias é candidatar-se a contribuir para a reprodução dos interesses do capital.

Deste modo, a grande tarefa atual da esquerda não é assumir o poder do Estado, mas reconstruir uma alternativa revolucionária. Isto implica, em primeiro lugar, o resgate, sólido e bem fundamentado, do ideário socialista e, conseqüentemente, a crítica do chamado “socialismo real”, mas, também, do “socialismo democrático”. O que, por sua vez, implica o resgate do caráter radicalmente crítico e revolucionário do marxismo.

Em segundo lugar, implica o deslocamento do eixo das lutas, do terreno do parlamento para o terreno extraparlamentar. E o esforço para imprimir a todas estas lutas um caráter o mais claramente anticapitalista possível. Está claro que não se trata de desconhecer ou menosprezar o terreno parlamentar. Trata-se, isto sim, de inverter a presente situação, ou seja, de articulá-lo, de modo subordinado, às lutas extra-parlamentares.

Um argumento sempre esgrimido pelos críticos destas idéias é de que um tal posicionamento tende a levar a esquerda ao isolamento. Isto é verdade e, no momento, não há como ser diferente. Contudo, a questão não é simplesmente de superar o isolamento. Este pode ser superado através do rebaixamento do horizonte da humanidade, do abandono da crítica radical ao capital, de promessas que não poderão ser cumpridas, de alianças as mais estranhas, de comportamentos que sinalizem o respeito integral à ordem burguesa. Ou, então, pode ser superado graças à criação de formas que permitam às massas perceber a articulação entre o objetivo maior que é a erradicação do capital e a instauração do socialismo e a resolução dos problemas imediatos.

Qual é a estratégia da “esquerda democrática”?⁶

Em primeiro lugar, ela pressupõe que a democracia é o patamar mais elevado de liberdade que a humanidade pode alcançar. E que, por isso mesmo, o sistema democrático jamais deve ser quebrado ou ultrapassado, mas defendido a qualquer custo, buscando-se o seu constante aperfeiçoamento.

⁶ Não ignoramos que no seio desta esquerda existem modos de pensar profundamente diferentes. Limitar-nos-emos, aqui, a expressar o que nos parece ser a linha predominante.

Em segundo lugar, de acordo com esta esquerda, a história mostraria que foram os movimentos populares de massa, conduzidos por uma esquerda não-democrática, os principais responsáveis pelo surgimento das ditaduras latino-americanas (tese do Castañeda, louvada pela “esquerda”). E que, especialmente, foram estes movimentos que deram origem aos golpes militares no Chile, de Allende e no Brasil, de Jango.

Em terceiro lugar, ela também pressupõe que a transformação (ou até a revolução) da sociedade em sentido profundo é um processo que só pode ter sucesso se realizado de modo “lento, gradual e seguro”, e sem ferir, em nenhum momento e de maneira nenhuma, a legalidade democrática. A luta pelo aprofundamento da democracia e da cidadania seria o caminho para a construção de uma sociedade justa, livre e igualitária.

Deste modo, para chegar ao poder e realizar as profundas transformações sociais que interessam às classes populares, é preciso não “assustar” as classes dominantes, os mercados, os Estados Unidos. Além disso, é preciso demonstrar, por palavras e atos, o mais absoluto respeito pela lei e pela ordem, devendo isto ser inculcado profundamente na mente das massas populares. Ainda mais; é preciso cercear quaisquer manifestações populares que possam ser vistas como uma ameaça a esta imagem de bom comportamento, chegando, se necessário, até à repressão.

Contrariamente a isso, o que nós entendemos que a história ensina?

Em primeiro lugar, que a ordem democrática constitui, certamente, um grande avanço para a humanidade e por isso mesmo deve ser defendida com todo o empenho. Contudo, ela não representa o patamar mais elevado da liberdade humana, por estar atada, indissolúvelmente, à propriedade privada e à existência das classes sociais. Por isso mesmo, ela pode e deve ser ultrapassada em direção a uma forma superior de sociabilidade. Forma esta que, por estar baseada no trabalho associado, expressará a efetiva igualdade e liberdade de todos.

Em segundo lugar, que às classes dominantes interessa que as reivindicações populares se expressem sempre no mais restrito marco da lei e da ordem. Lei e ordem estas que, “por acaso”, sempre são as mais adequadas à defesa dos interesses das classes dominantes.

Em terceiro lugar, que o atendimento das reivindicações populares ferirá, necessariamente, os interesses das classes dominantes. E que, por isso mesmo, estas reagirão, como sempre reagiram, defendendo, por todos os meios, estes interesses. Quando isto acontece, as classes dominantes não demonstram o menor constrangimento em desrespeitar a ordem democrática e utilizar os instrumentos mais violentos e brutais.

Em quarto lugar, que, sem um amplo movimento de massas – num processo de tomada de consciência e de auto-organização – e sem forçar e até ultrapassar a lei e a ordem burguesas, as classes populares jamais conseguiram e nunca conseguirão conquistas mais substanciais e duradouras, muito menos alterações profundas na ordem social.

Disto se conclui que o que pode impedir que as classes populares sejam vitoriosas não é, de modo geral, a radicalização dos seus movimentos, mas muito mais o fato de não terem – através de um processo de lutas concretas – acumulado forças suficientes para enfrentar, nos momentos cruciais, as forças das classes dominantes. E a estratégia reformista da “esquerda democrática” é a principal responsável por esta falta de acúmulo de forças.

Quando, por sua vez, a “esquerda democrática” assumir o poder, certamente as massas populares pressionarão pelo atendimento das suas reivindicações. Até porque isto foi prometido antes das eleições. Ora, isto será imediatamente pretexto para que as classes dominantes comecem o processo de desestabilização do “governo popular”. Como toda a estratégia anterior da “esquerda democrática” impediu o fortalecimento dos movimentos populares, este governo ver-se-á sem forças para fazer frente a este processo de desestabilização. Em consequência, ou será apeado do poder (por golpe militar ou por artimanhas “democráticas”), ou terá de fazer concessões tais que desiludirão as classes populares, cujos interesses diz representar. Estas, então, se voltarão para os partidos de direita.

Estas idéias parecem paralisantes e desmotivadoras? Só para aqueles que querem fazer a história do modo como gostariam e não nas condições reais e efetivas. Que, como diz Marx em *O 18 Brumário de Louis Bonaparte*, são “diretamente dadas e transmitidas pelo passado”. Deste modo, se a situação atual é marcada, de um lado, pelo enorme agravamento dos problemas sociais (que nos causam angústia e indignação) e, por outro lado, pela ausência de forças revolucionárias conscientes e organizadas, isto não nos deve fazer sucumbir nem ao imediatismo (com ações que pareçam ter sucesso imediato), nem ao purismo dos princípios (com um discurso que cancele as mediações entre o fim e os meios). Trata-se de buscar, na situação concreta de hoje, as tarefas que possam conduzir à conquista do fim maior, que é a superação da ordem social do capital.

São inúmeras e enormes estas tarefas para a reconstrução da perspectiva revolucionária. Nenhuma delas espetacular; nenhuma delas de sucesso imediato na superação dos gravíssimos problemas enfrentados hoje pela humanidade. Porém, quanto mais forem postergadas, mais difícil se tornará a conquista da nova sociedade.

Maceió, setembro de 2002